



**EDUCAÇÃO FÍSICA E MUDANÇAS SOCIAIS
AO LONGO DA CARREIRA DOCENTE:
UM ESTUDO COM DOCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA
COM MAIS DE 20 ANOS DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL**

Ivan Bremm de Oliveira*
Giovanni Felipe Ernst Frizzo**

RESUMO

O artigo objetiva analisar a Educação Física (EF) e as mudanças sociais ocorridas ao longo da carreira docente para o professorado de EF da RMEPel com mais de 20 anos de experiência. Trata-se de um estudo de caso descritivo com 11 docentes, a partir de entrevistas semiestruturadas, seguidas da análise de conteúdo. As análises indicam que, ao longo da carreira, houve a exigência de formação específica em EF e a participação dos profissionais nos conselhos escolares, mas a falta de infraestrutura e materiais, bem como a perda de espaço da EF na escola por reformas educacionais (LDB, BNCC, Ensino Médio) e os salários baixos ocasionaram a desvalorização e a precarização da EF. Em relação às mudanças sociais, a maior responsabilização do professorado pela Educação, o distanciamento da família na escola, a menor participação do alunado nas aulas devido às transformações tecnológicas acarretaram a intensificação do trabalho e a perda de identidade docente.

Palavras-chave: Carreira docente; Educação Física; Escola; Mudanças sociais.

**PHYSICAL EDUCATION AND SOCIAL CHANGES THROUGHOUT THE TEACHING CAREER:
A STUDY WITH PHYSICAL EDUCATION TEACHERS
WITH OVER 20 YEARS OF PROFESSIONAL EXPERIENCE**

ABSTRACT

The article aims to analyze Physical Education (PE) and social changes throughout the teaching career for PE teachers at RMEPel with more than 20 years of experience. This is a descriptive case study with 011 professors from semi-structured interviews followed by content analysis. The analyzes indicate that throughout the career there was a requirement for specific training in PE and their participation in school councils, however, the lack of infrastructure and materials, the loss of PE space in the school due to educational reforms (LDB, BNCC, High School) and low wages caused the devaluation and precariousness of PE. In relation to social changes, the greater responsibility of teachers for Education, the distance from the family at school, the lower participation of students in classes due to technological changes led to the intensification of work and loss of identity of the teaching role.

Keywords: Teaching career; Physical Education; School; Social changes.

* Doutor em Educação Física (UFPel). Instituto Federal Sul-rio-grandense. ivanbremmoliveira@gmail.com

** Doutor em Ciências do Movimento Humano (UFRGS) – Universidade Federal de Pelotas. gfrizzo2@gmail.com

EDUCACIÓN FÍSICA Y CAMBIOS SOCIALES A LO LARGO DE LA CARRERA DOCENTE:
UN ESTUDIO CON DOCENTES DE EDUCACIÓN FÍSICA
CON MÁS DE 20 AÑOS DE EXPERIENCIA PROFESIONAL RESUMEN

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo analizar la Educación Física (EF) y los cambios sociales a lo largo de la carrera docente de docentes de EF de la RMEPel con más de 20 años de experiencia. Se trata de un estudio de caso descriptivo con 11 profesores a partir de entrevistas semiestructuradas seguidas de análisis de contenido. Los análisis indican que a lo largo de la carrera hubo una exigencia de formación específica en EF y su participación en los consejos escolares, sin embargo, la falta de infraestructura y materiales, la pérdida de espacios de EF en la escuela por las reformas educativas (LDB, BNCC, High Escuela) y los bajos salarios provocaron la devaluación y precarización de la EF. En relación a los cambios sociales, la mayor responsabilidad de los docentes por la Educación, la distancia de la familia en la escuela, la menor participación de los alumnos en las clases por los cambios tecnológicos llevaron a la intensificación del trabajo y pérdida de identidad del rol docente.

Palabras clave: Carrera docente; Educación Física; Escuela; cambios sociales.

INTRODUÇÃO

Primeiramente, é preciso destacar que serão consideradas, entre as características do modo de produção capitalista em seu atual estágio, a relação entre Trabalho e Educação, as Políticas Públicas de caráter neoliberal, a precariedade da carreira docente, os salários baixos e as condições de trabalho insatisfatórias como fatores que geram desinteresse pela carreira docente e que serão descritas, em parte, ao longo desta pesquisa. Desse modo, o objetivo deste estudo foi analisar a Educação Física (EF) e as mudanças sociais ao longo da carreira docente para o professorado de EF da Rede Municipal de Ensino de Pelotas (RMEPel), com mais de 20 anos de experiência.

Ao longo da história, as formas de produzir, organizar o trabalho e distribuir as riquezas produzidas coletivamente foram modificadas. Assim, dizemos que a história da humanidade é composta por uma sucessão de tipos diferentes de modos de produção de bens (escravista, feudalismo, capitalismo, entre outros) para satisfazer as diferentes necessidades humanas, até chegarmos ao capitalismo em seu estágio atual.

No capitalismo atual, em que há um específico quadro de modo de produção, de circulação e de consumo de mercadorias, a classe dominante é a burguesia e a classe dominada é o proletariado. Essa separação ocorre, principalmente, pela propriedade privada dos meios de produção (MARX, 2008), ou seja, a posse privada daquilo que garante a vida material da sociedade em determinado momento histórico. De um lado, temos os proprietários dos meios de produção (donos das terras, das fábricas e das tecnologias) e, do outro,

os não proprietários dos meios de produção, que, para sobreviver, vendem a própria força de trabalho para os detentores dos meios de produção.

As relações de trabalho, no capitalismo, funcionam em um sistema de produção diferentemente dos modos de produção anteriores. No capitalismo, o trabalho é remunerado parcialmente, pela venda do tempo da força de trabalho do proletariado, e o que sobra da relação entre as horas trabalhadas e o produzido é a mais-valia, que é o lucro da burguesia, que permite aos donos dos meios de produção a manutenção dos mecanismos de exploração.

Na sociedade capitalista, a Educação pode servir para que esse sistema produtivo não só forneça “os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gere e transmita um quadro de valores que legitima os interesses dominantes” (MÉSZÁROS, 2008, p. 35).

Nesse contexto de reestruturação produtiva¹ e de transformações no mundo do trabalho, houve, a partir do início dos anos de 1990, ciclos de Conferências e/ou Encontros Mundiais organizados pelas Organizações das Nações Unidas, das quais destacamos a Conferência de Jomtien em 1990, que culminou na Conferência Mundial de Educação para Todos, determinando os eixos norteadores para a educação, vinculados à ideologia e à estruturação político-econômica global do Capital. Vale destacar que ambas trouxeram repercussões e interferências que se fizeram notar na política educacional brasileira, a partir da criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, do Plano Nacional de Educação 2001-2011 (Lei 10.172/01) e, mais atualmente, da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e da Reforma do Ensino Médio (Lei 13.415/17). Tais iniciativas apontam, a nosso ver, para a conformação do setor educacional aos interesses do Capital.

É sabido que a Educação é fruto de determinantes econômicos, sociais e culturais, e que eles incidem na organização do trabalho pedagógico e nas condições de trabalho do professorado, ocasionando a desvalorização política e social da docência para o exercício profissional. Entretanto, consideramos que os objetivos educacionais não podem estar atrelados a metas econômicas. Isso porque, por conta da precarização, da intensificação

¹ O processo de reestruturação produtiva – estratégia de enfrentamento à crise do capital – está circunscrito a uma série de mudanças socioeconômicas, políticas e culturais, que apontam para a crescente substituição do modelo de produção taylorista/fordista pelo modelo de acumulação flexível. Este último é marcado pela flexibilidade produtiva, isto é, pela capacidade de fabricar grande quantidade de produtos diferenciados em curto espaço de tempo. Caracteriza-se, ainda, pela flexibilização das relações de trabalho, dos mercados, do consumo, entre outros elementos (ANTUNES, 2007). Nesse sentido, a reestruturação produtiva caracteriza-se pela tendência ao enxugamento do quantitativo de trabalhadores, o que, além de reduzir custos, desmobiliza politicamente a classe trabalhadora, submete-os aos ditames do capital, devido ao aumento do desemprego e da concorrência. Em relação ao trabalho docente, elementos como as reformas educacionais, a elevada carga horária, a situação de multiempregos, a defasagem dos salários, entre outros aspectos expressam essa realidade.

e da desprofissionalização do trabalho docente tal instância tem diminuído a procura e a permanência na carreira docente (DUARTE, 2013; MORICONI, 2008).

Percebemos que as políticas públicas têm partido de um projeto educacional voltado para a lógica da mercantilização da educação, na medida em que se intensificam os processos de precarização das escolas e a produtividade de docentes e estudantes sob um viés de gestão empresarial, em que são exigidas melhorias de desempenho sem que as condições de qualidade do ensino sejam garantidas. Por conseguinte, para reverter esse quadro e tornar atrativa a carreira docente, consideramos que uma política de formação “só tem sentido quando integrada à estruturação da carreira docente, a uma política salarial que assegure a dignidade do professor e à garantia de condições adequadas de trabalho” (KUENZER, 2011, p. 672).

DECISÕES METODOLÓGICAS

Para este estudo, como tentativa de interpretação da realidade que queremos compreender, adotamos a corrente teórica do Materialismo Histórico-Dialético e, em relação aos objetivos, adotamos uma metodologia de cunho descritiva (TRIVINÕS, 1987).

Trata-se de um estudo de caso do qual participaram 11 docentes de EF, que atenderam aos seguintes critérios: a) ser professor(a) de EF; b) pertencer ao quadro efetivo da escola; c) ter 20 ou mais anos de docência em EF na RMEPel. Assim, foram realizadas 11 entrevistas semiestruturadas individuais (MINAYO, 1993).

Em relação aos dados sociodemográficos e do trabalho de campo, estão apresentados no quadro 1:

Quadro 1 – Dados sociodemográficos e do trabalho de campo

Docente	Idade	Titulação	Tempo de atuação RMEPel (anos)	Duração Entrevista
Professor A	60	Especialização	29	52m
Professora B	56	Especialização	33	43m
Professor C	54	Especialização	32	42m
Professora D	51	Especialização	25	41m
Professor E	56	Especialização	32	43m
Professor F	56	Especialização	29	44m
Professora G	51	Especialização	23	40m
Professor H	56	Graduação	27	60m
Professora I	51	Especialização	28	46m
Professor J	64	Especialização	33	85m
Professora L	44	Mestrado	22	45m

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

As entrevistas foram analisadas por meio da utilização da técnica de Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2011), buscando compreender criticamente as falas, os conteúdos e as significações. A partir dessa análise, elencamos as categorias que se interpenetram: 1. A EF ao longo da carreira docente, e 2. Mudanças sociais ao longo da carreira em EF.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Pelotas, parecer nº 3.118.862 /2019, e autorizada pela Secretaria Municipal de Educação. Além disso, todos os participantes deste estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para identificarmos os sujeitos da pesquisa, utilizamos a nomenclatura Professor A, Professora B e assim por diante.

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR AO LONGO DA CARREIRA DOCENTE

Notamos que a falta de infraestrutura para as aulas de EF nas escolas foi bastante relatada pelo professorado em questão. De acordo com o Professor E, por exemplo, “em 1988, a escola não tinha quadra, não tinha espaço para trabalhar, trabalhava no terreno cedido por um vizinho, mas com sol, com chuva, era muita dificuldade. Essa foi a maior dificuldade de iniciar”. Esse problema perdurou durante toda a sua carreira até o momento atual, próximo de sua aposentadoria, pois, segundo ele, a precariedade de estrutura física e de material até hoje constituem um problema nas escolas da RMEPel. Da mesma forma, o Professor J recorda-se de quando começou a trabalhar: “No primeiro dia, o diretor foi mostrar o espaço físico e o material. Foi desmotivante. Aí, tu enfrenta a realidade ou desiste. Resolvi lutar na esperança que iria melhorar, e continuo na esperança até hoje”, tal como outro relato apresentado pelo seguinte fragmento:

[...] infraestrutura faz falta, porque pensa bem: frio, dia de chuva, tu tem que trabalhar na sala de aula. Hoje, tem alguns recursos de jogos para eles estarem dentro da sala, mas não existem na escola, não existe. Não. Então, você tem que improvisar. Na escola mesmo que eu trabalho, é um espaço assim, tem uma tela na volta, então, já aconteceu de alguns alunos se engancharem na tela, se machucarem, mas dá para ti adaptar e fazer uma aula. Só que o que ocorre é que algumas coisas que tu poderia fazer, tu acaba não fazendo, porque tu vai evitar o risco que tu vai correr, entende? Na área de algumas modalidades (Entrevista Professor J).

Outro fator preocupante, que esteve presente na quase totalidade dos relatos do professorado é que, devido à falta de materiais para as aulas de EF, os docentes usaram e ainda usam dinheiro de seus próprios rendimentos para a compra de materiais para as suas aulas,

pois, conforme relata a Professora D, “acho que não tem professor que não faça, é difícil”, e segundo expresso na resposta do Professor H: “muitas vezes trouxe material de casa, trouxe material meu. E fiz essas campanhas para adquirir uma coisa, botei dinheiro em cima. O próprio tempo de organização para fazer determinadas atividades”.

Nesse sentido, Baccin (2010), ao entrevistar o professorado de EF da Rede Estadual de Ensino do RS, bem como ao observar as suas aulas, descreveu um possível processo de secundarização da disciplina de EF. Isso significa que é atribuída para a disciplina em questão um status de menor importância em relação a outros componentes curriculares do coletivo escolar e, conseqüente, uma perda de espaço na escola. Conforme a autora destaca, essa situação teria como causas a sua redução de carga horária, a forma como são tratados os conteúdos, a precarização dos materiais e da infraestrutura que, embora também ocorra em outros componentes curriculares, tem na EF seu processo intensificado.

Tais observações permitem demonstrar que a secundarização da referida disciplina está de acordo com as novas demandas impostas pelo mercado, a partir da reestruturação produtiva e da exigência das novas competências.

Por meio de transformações educacionais, como a Reforma do Ensino Médio, nos contornos da BNCC, por exemplo, embora haja algumas interpretações de que em seu texto final manteria a obrigatoriedade da EF, há margens a interpretações diferentes, como nos alerta Metzner (2017, p. 108), para quem a “inclusão da expressão ‘estudos e práticas’ abre precedentes para que os conteúdos sejam contemplados em outras disciplinas escolares, projetos extracurriculares ou grupos de treinamento esportivo, sendo então descaracterizada como componente curricular”.

A carência de infraestrutura e de materiais para as aulas de EF nas escolas públicas das redes de ensino públicas é uma realidade constante, bem como a predominância de escolas sem condições para inclusão escolar (COSTA, 2009). Lemos (2011) acrescenta, ainda, algo que é bastante significativo sobre o professorado de EF: “o professor de EF da área escolar trabalha no sol, no frio e muitas vezes na neblina e não recebe insalubridade por conta disso” (LEMOS, 2011, p. 197).

Outro aspecto citado foi que, ao longo do tempo, na EF escolar foi se exigindo a presença de um professor com formação específica para as aulas de EF. Segundo a Professora G: “na escola que eu trabalho está muito diferente da época que eu entrei. O professor que dava EF era um professor que não era formado, não tinha habilitação nenhuma em EF, qualquer um ia lá e dava aula”.

A professora também relata que, em relação à EF na escola, assim como acontecia quando ingressou, a disciplina ainda serve como uma disciplina “quebra-galho” ou “curinga”, visto que “acontecia muito e hoje ainda acontece, mas menos, assim, faltou algum professor, bota lá na quadra com a professora de EF, aí todo o planejamento de trabalho vai tudo por água abaixo” (Professora G).

Já o Professor J mencionou uma conquista: “os professores de EF não participavam das reuniões pedagógicas, nós éramos excluídos. Depois de alguns anos, começou o professor de EF a participar. Já era uma conquista porque, claro, não poderia até hoje acontecer uma coisa dessas”.

Todas essas constatações do professorado têm a ver com o próprio histórico da disciplina EF no ambiente escolar, vista muitas vezes, no âmbito do coletivo escolar, como uma disciplina puramente prática, esportiva de simples fazer por fazer.

Segundo Loyola (2008), a EF aparece como curinga, como uma disciplina “menor”, tida como secundária, pois se vincula ao trabalho corporal, sendo uma prática compensatória ou de apoio às demais disciplinas, organizadora das festividades e lugar de acirrada tensão entre a profissionalização da função docente. Nesse sentido, a docência consiste, entre outros elementos, na autonomia que o professorado tem para a realização do seu trabalho e na melhoria da formação e do aperfeiçoamento docente, visando ao combate à desprofissionalização, que se traduz na perda de direitos, na precarização das condições laborais e na exclusão do professorado dos processos de construção de políticas públicas entre outros aspectos. No caso particular da EF, entre a valorização e a desvalorização, predomina sua desvalorização, se comparada com as demais disciplinas que compõem o currículo escolar e que são consideradas “sérias”.

Ao nos referirmos à desvalorização da EF, concordamos com Bracht (2001, p. 75-76), o qual ressalta que:

[...] para o projeto liberal-burguês de educação, a Educação Física (moderna) perde importância. O neotecnicismo do projeto liberal-burguês enfatiza de forma pragmática a preparação para o trabalho. Se esse neotecnicismo tem como foco as novas tecnologias do trabalho e a flexibilização das relações de trabalho que exigem um sujeito que se adapte rapidamente às novas exigências tecnológicas, e as relações de trabalho, que são capacidades fundamentalmente de caráter intelectual, por que desperdiçar tempo com a Educação Física no currículo oficial básico?

Também chamou a atenção o fato de que as transformações de cunho tecnológico², ocorridas ao longo do tempo, alteraram, de certa forma, a organização das aulas de EF. Conforme a Professora B menciona, “os alunos são diferentes hoje em relação à prática da EF de anos anteriores. Eu acho que a tecnologia acomodou, antes era só no computador, agora eles ficam só no celular. Isso aí eu acho que atrapalhou bastante”.

Notamos que o professorado de EF, além de não ter tempo nem dinheiro para se atualizar, carecem de formações continuadas específicas, pois, de acordo com a Professora B, o “professor hoje tem que ser muito criativo, se aprofundar muito no trabalho para fazer com que os alunos se interessem mais pela prática”.

Essas transformações, inclusive, fazem-nos repensar sobre a aposentadoria, uma vez que, segundo a Professora D, “os alunos são outros e já estou começando a não acompanhar mais. Para mim, foi o tempo que deu, me aposento e penso que fiz o melhor que pude e, se continuasse, iria ficar para trás”. Além disso, são mencionadas outras transformações:

[...] a educação física, hoje a gente tem só duas aulas semanais, e para algumas pessoas é o ápice do movimento que eles têm durante a semana é fazer educação física só, não tem atividade fora. Antigamente, as pessoas eram criadas mais soltas, brincando na rua, correndo, saltando, subindo em árvore, andando de bicicleta. Hoje em dia, é na frente de um celular, de um computador, isso impacta (Professor C).

Eu acho que a sociedade e as pessoas, os alunos, é outra geração, se fosse hoje, até mesmo que eu tivesse com toda a minha paciência do mundo e que eu ganhasse muito, eu não ia continuar por muito tempo, porque eu já não acompanho mais eles, sabe? São jogos eletrônicos, não sei o que, umas coisas que eu não acompanho mais. E eu acho que aí tem que ser uma outra geração que tem a ver com a cultura deles para poder fazer eles terem interesse. [...] E é o que eu tenho visto agora, porque a escola, hoje em dia, olha, para ela chamar a atenção, ela tem que se virar. Imagina uma pública (escola). Ou o professor tem que ser muito criativo, ou tem que ser muito carismático com os alunos, alguma coisa ele tem que ser diferente (Professora D).

Alguns estudos têm sido desenvolvidos e apresentam questões que conformam a realidade escolar em torno da disputa de projetos educacionais (MOLINA NETO *et al.*, 2017; SOUZA; RAMOS, 2017). Nesse sentido, os processos de mudanças têm tido ressonância na RMEPel. Sendo assim, é importante destacar que no ano de 2019 houve, por parte da Prefeitura Municipal de Pelotas, uma reestruturação curricular, visando padronizar os currículos das escolas, o que fere a autonomia das Instituições escolares. Houve, ainda,

² A partir da década de 1990, houve um avanço no desenvolvimento científico tecnológico e isso atribuiu um novo fator relacionado à disponibilidade ampla da microeletrônica e baixos custos no processamento da informação (FRIGOTTO, 2003). Surgiu, então, um novo perfil ocupacional, “sensível ao aumento dos requisitos educacionais para o mercado formal, uma progressiva substituição da força física pelas capacidades intelectuais” (FRIGOTTO, 2003, p. 118).

redução da carga horária da disciplina de EF em favor de outras disciplinas, presentes em avaliações em larga escala.

Cabe acentuar, então, que as transformações repercutem não somente no trabalho do professorado de EF, mas na Educação escolarizada como um todo:

[...] hoje, a gente tem pouca participação. Quando eu entrei aqui na escola, eu tinha muito mais participação dos pais, dos alunos mais interessados. Hoje, os alunos são mais dispersos, tudo chama a atenção deles, menos o que tu está fazendo é interessante. A gente costuma brincar, tem um pouco de sério também, tenho bastante alunos, estudantes poucos. Que tu vê o desinteresse, tu vê. Uma coisa que está notória. Ela atinge a educação física, ela atinge a matemática, o português. Todo mundo comenta, a gente vê pelo dia a dia deles, parece que eles aprendem menos, se interessam menos [...] (Professor E).

Por fim, essas transformações fizeram com que muitos docentes relatassem que antigamente era mais simples o ofício docente, conforme pode ser exemplificado na leitura do relato do Professor H: “creio verdadeiramente que, há 30 anos, era bem mais fácil cumprir nossa função, faltando tecnologia e conhecimento, no entanto, sobrava interesse, respeito, motivação, valorização e cumplicidade”.

MUDANÇAS SOCIAIS AO LONGO DA CARREIRA DOCENTE EM EF

Para o professorado de EF, é nítido que a própria EF, a escola e os processos educativos estão relacionados com a sociedade e com o sistema de produção vigente em que se vive. Segundo o Professor C, “a EF faz parte da sociedade, então, ela certamente é influenciada pelo que está acontecendo e, ao mesmo tempo, influencia as pessoas”. Para a Professora G, “a escola é o espelho da sociedade, todos nós somos espelhos da sociedade, então não dá para separar o que a gente está vivendo na sociedade, no dia a dia, nas classes econômicas, sociais, sem trazer para dentro da escola”.

Assim, as mudanças sociais repercutiram no alunado e, conseqüentemente, impactaram nas aulas de EF. Os docentes relataram principalmente a relação entre família e escola, ao refletir sobre a responsabilização única do professorado pela Educação de crianças e jovens. A Professora G afirma: “pais indiferentes e omissos tendem a colocar a responsabilidade em cima dos professores e da mesma forma desacreditam nessa figura, fazendo com que não sejamos respeitados”. Conforme a Professora I, “a família deixa a criança na escola e a escola que se vire, infelizmente”. Outras respostas foram bastante incisivas nesse e em outros sentidos:

[...] é uma das coisas que mais me leva a querer me aposentar é isso. Que hoje a cobrança das famílias, a cobrança dos pais é cada vez maior em cima dos professores – não só da educação física, mas todos os professores da escola – que se dê cada vez mais educação, que se cobre cada vez mais, em todas as áreas, os filhos deles, os alunos da escola. E quando a gente sabe que a primeira educação deve vir dentro de casa, deve ser dada pelos pais, pela família. Isso está um pouco invertido hoje. E acaba que a escola está cada vez mais sobrecarregada, os professores estão cada vez mais sobrecarregados, mais cobrados (Professor A).

Ah, o que foi mudando ao longo do tempo, aí também é importante que o professor foi sendo desvalorizado. O professor, acho que era muito mais respeitado embora sempre foi mal remunerado. Sempre. Mas eu acho que, ao longo dos anos, assim, o status do professor foi diminuindo, o que é um absurdo. Todas as profissões vão precisar de professor, ninguém forma médico, advogado, sem passar pelo professor. Eu acho que a gente foi sendo desvalorizado ao longo dos anos, principalmente pelos governos, sucessivos governos, pela classe que governa (Professor F).

Diante disso, o Professor F exemplifica diferenças entre o número de salários mínimos que recebiam os docentes quando ingressavam na carreira e agora, além dos danos da privatização e da terceirização na Educação:

[...] aqui os salários, se eu não me engano, os mais velhos contavam que era em torno de 8 salários mínimos. Daria, hoje, uns R\$ 8 mil, quer dizer, que seria um salário aceitável. A gente está longe disso hoje. Quer dizer, então, só para tu ver na questão de remuneração isso já caiu, na questão do cuidado com o aluno, com a educação, nós tivemos aqui, esse prédio foi inaugurado em 1960, ele tinha manutenção, ele era limpo, ele tinha funcionários próprios aqui do colégio, hoje não. Hoje são terceirizados, quer dizer, então, eu acho que, ao longo dos anos, houve uma degradação, assim, do cuidado com a educação, é uma questão ao longo do tempo, ao longo dos anos que vem deteriorando, então, a gente acaba sentindo isso (Professor F).

Portanto, a valorização do magistério pelos governos não ocorreu ao longo de toda a carreira dos referidos sujeitos e, ainda, foram sendo retirados direitos historicamente conquistados. Como relata o Professor H, “durante toda carreira esperava que a dita valorização acontecesse, pelo contrário, direitos que nos assistiam nunca puderam ser usados, exemplo: licença prêmio”.

A relação vertical do Estado e suas Políticas Públicas Educacionais – sugerindo reformas e novas propostas – vem alijando todo professorado de discussões próprias da função docente, chegando, portanto, a situações desoladoras, como as citadas.

Além disso, conforme Codo (2006), existe uma alta correlação entre os(as) trabalhadores (as), o seu comprometimento e a satisfação profissional com as condições de trabalho. O autor aponta, ainda, que, devido aos rumos da Educação nos últimos anos, o professorado tem assumido novas responsabilidades, que vão além do ato de ensinar.

Isso porque, por causa de demandas contemporâneas, o professorado também tem cuidado dos campos afetivo, social e psicológico do alunado, o que, muitas vezes, extrapola suas formações e condições disponíveis. Tudo isso devido, principalmente, à redução da responsabilidade de outros agentes sociais, como o Estado e a família, consequência de uma sociedade pautada na desigualdade.

A profissão docente se deparou, nas últimas décadas, com a perda de identidade, que se deu a partir da intensificação do trabalho, com o acúmulo de tarefas/responsabilidades atribuídas ao professorado, como as citadas pelos entrevistados, que, cada vez mais, sobrecarregam os docentes. Tal cenário causa desgaste físico e intelectual, distanciando-os do caráter reflexivo do fazer pedagógico em suas aulas. Por conseguinte, aliadas à desvalorização e à precarização se materializam as condições concretas e objetivas de trabalho elencadas pelo professorado de EF.

Ao analisarmos o contexto contemporâneo, marcado por transformações sociais provocadas pelas tecnologias e por meios de comunicação de massa que atingem a todos e todas, notamos que a escola está inserida nesse processo. Consideramos, então, que essas transformações são importantes para o processo de ensino e aprendizagem, e não podem ser desconsideradas pela comunidade escolar. Contudo, as tecnologias da informação não podem ser apontadas como ferramentas milagrosas para aprendizagem, ainda mais em momentos de pandemia, ou seja, seu uso deve ser feito de maneira crítica e consciente, principalmente das tecnologias educacionais, do ensino a distância e remoto, por exemplo.

Mesmo que as entrevistas deste estudo tenham sido realizadas antes do período de pandemia da Covid-19, de acordo com Antunes (2020, p. 7) houve, no período pandêmico, um agravamento da crise econômica. Considerando tais circunstâncias, “na inter-relação que há entre elas, têm gerado impactos e consequências profundas para a humanidade que depende de seu trabalho para sobreviver”, sendo aí incluídos o professorado e demais trabalhadores e trabalhadoras da Educação, onde ainda “as tecnologias de informação e comunicação (TICs) se encontram plasmadas, impulsionadas e comandadas pelas reações capitalistas em sua forma mais destrutiva” (ANTUNES, 2020, p. 11), o que faz com que o quadro se agravasse.

A questão da (não) valorização da Educação pelos governos ao longo de suas carreiras foi relatada pelo professorado. Expressões como “afundada”, “caos”, “cada vez pior”, “tirar direitos”, “está muito difícil”, “não sei o que vai ser” e “deprime” foram algumas das que exprimiram o sentimento do professorado de EF em relação ao descaso com a Educação

pelos governos atuais e pelos que passaram e não valorizaram a Educação, precarizando a carreira e o trabalho. Segue um relato:

[...] eu acho que a valorização da educação pelos governos é, muitas vezes, para inglês ver. As coisas vão para a mídia, mas só o que interessa. O que eles querem que seja publicado. Então, eu acho que a educação é a base de tudo, a educação tinha que ser mais valorizada. A gente sabe que todo mundo passa por um professor de escola, tem que ter professor de primário, de pré, e esse professor tinha que ser valorizado tanto ou mais do que professor universitário [...] (Professor A).

A desvalorização tem sido tão expressiva que faz com que a professora D chegue a não vislumbrar mudanças:

Ah, tudo está o caos. Está tudo cada vez pior assim. Eu não sei o que é que vai ser da educação pública, sinceramente. Fico com pena porque, cada vez mais, acho que os pobres, daqui a pouco, não vão ter mais chance de fazer uma faculdade, Pelo o que eu vejo assim, o Estado, eu acho que vai acabar privatizando tudo e só vai, cada vez mais, os que têm mais vão conseguir mais e os que têm menos não vão conseguir. Entendeu? Ou vai ter uma revolução, porque não consigo ver uma mudança (Professora D).

O Professor E acredita que, ao longo dos anos, os governos “massacraram” a classe docente e, se não bastasse isso, aumentou a cobrança por resultados e aprovações, eximindo-se os órgãos gestores de suas atribuições e responsabilidades:

[...] vamos falar da nossa amiga Prefeita, vou te contar, do Governador também, uma crescente de cobrança, falta de respeito. Basta ver no estado: professor recebendo atrasado há 5 anos, sem reajuste há 5 anos e esse ano ainda um massacre. A Prefeita também, vai tirar de quem ganha menos, vai tirar de quem diz que valoriza. Eu acho que a única mulher prefeita da cidade, primeira e única professora, massacrando os professores, tentando tirar direitos. Vamos falar até de perseguição. E a nível nacional nem se fala. Bolsonaro e nosso ministro da educação são um terror (Professor E).

A Educação e os processos educativos, assim como o trabalho, também são modificados de acordo com o modelo de produção de determinado momento histórico. No caso atual, tais elementos são influenciados pelo sistema capitalista, pelas novas tecnologias e pelas comunicações, tendo, também, passado do plano social para o individual. Podemos, então, afirmar que “a educação passou, pois, a ser concebida como dotada de um valor econômico próprio e considerada um bem de produção (de capital) e não apenas de consumo” (SAVIANI, 2005, p. 22).

Assim, a escola pública, gerida em uma sociedade capitalista, preocupa-se em maximizar os resultados com o menor investimento possível em educação, com o intuito de precarizar a Educação pública para que o empresariado dos sistemas de produção financie

a Educação por meio de fundações público-privadas. Desse modo, a Educação se torna uma eficiente ferramenta de formação de trabalhadores e de trabalhadoras úteis ao sistema e à perpetuação da atual estrutura da sociedade.

O atual plano de carreira do magistério e as possíveis alterações e tentativas de criação de um do novo Plano de Carreira, conforme proposto pela Prefeitura, também fizeram parte da indignação dos docentes. Para o Professor F, “o plano hoje tem um padrão lá ridículo, tenho até vergonha de dizer”. Diante dessa constatação, pode ser mencionado que o Piso Nacional do Magistério, que deveria ser o salário inicial da carreira docente, acabou se tornando o “teto”, o topo da carreira, sem perspectivas de uma possível melhoria ou ascensão na carreira, conforme a própria análise dos docentes.

Salientamos, nesse âmbito, que valorizar a Educação e o docente são elementos que não se referem apenas à questão financeira, salarial, mas abrangem, também, outros aspectos. Isso foi relatado pela professora G:

Na verdade, assim, a valorização do professor cada dia, eu não vejo nem só financeiramente, mas eu acho que a valorização de um professor como um todo, como um ser humano, como uma pessoa. Antigamente, a gente conseguia mais, a gente tinha mais alternativas de sair para estudo, embora a gente não tenha, no nosso plano de carreira, nenhum aviso de que possa ser liberado para um mestrado, liberado para um doutorado, não, nenhuma forma, mas eu acho que a gente ainda conseguia reuniões, cursos, hoje em dia, está muito difícil, porque não tem como suprir, as escolas não têm como suprir aquelas nossas faltas, acho que a valorização financeira tá muito difícil, cada dia eles achatam mais o salário dos professores, mesmo com piso eles tentam tirar de tudo que é lado. Eu acho que piorou (Professora G).

Apesar da desvalorização cada vez maior ao longo da carreira pelos governantes e a instauração de um quadro precário, acompanhado por certo descrédito acerca de uma solução, a Professora L acredita em alternativas, assinalando o seguinte:

Cada vez pior, não sei para onde vamos, mas eu vejo uma luz. Até porque esses dias eu estava conversando isso sobre uma amiga minha, sim, porque ela estava dizendo que ela não vê. Eu vejo, apesar de achar que está indo cada vez pior, mas é em função dos governos que estão aí. Então, eu acredito que a gente mudando (os atuais governos), a gente vai ter que fazer alguma coisa para mudar isso e melhorar as coisas. Só que com o governo que está aí não tem como, então é estar sempre lutando contra (Professora L).

Por isso o capital tem interesse em dominar todo o processo produtivo, seja no trabalho material, como nas fábricas, seja quando o resultado não se separa do ato de produção, como é o caso da Educação formal. Caracterizamos, nesse âmbito, o trabalho docente como uma atividade não material, que pode ser utilizada para atender aos interesses

da classe dominante, principalmente a partir da desvalorização e do sucateamento da Educação pública e de seus profissionais como um todo. Tal iniciativa tem sido frequentemente utilizada para vender a falsa ideia da necessidade de privatizar o público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos, neste artigo, que, com o passar de 20 ou mais anos de docência do professorado de EF da RMEPel, participante desta pesquisa, ocorreram determinadas mudanças em relação à EF escolar. Isso porque, ao longo de suas carreiras, os docentes viram surgir a exigência de uma formação específica em EF para ministrar aulas e o que eles começaram a participar dos conselhos de classes e reuniões pedagógicas, por exemplo.

Por outro lado, ressaltamos que a falta de infraestrutura nas escolas e de materiais específicos para as aulas de EF faz com que os próprios docentes tenham que comprar esses materiais. Além disso, ocorreu a perda de espaço da EF no interior das escolas em relação às demais disciplinas, provocada por marcos legais e reformas curriculares (LDB, BNCC e Reforma do Ensino Médio) de caráter neoliberal, diminuindo a carga horária da EF, o que ocasionou a desvalorização e a precarização da EF.

No que se refere às mudanças sociais ocorridas ao longo da carreira, constatamos que a maior responsabilização – e muitas vezes única – do professorado pela Educação de crianças e jovens e o distanciamento da família em relação à escola se aliam às transformações de cunho tecnológico, às vezes, não acompanhado pelo professorado, o que gera menor participação do alunado nas aulas. Tais fatores ocasionaram a intensificação do trabalho docente e, até mesmo, a perda de identidade da função docente.

A desvalorização da carreira, ao longo dos anos, com salários defasados e a falta de pagamento do Piso do Magistério, reforça que a desvalorização da EF está relacionada a um processo de desmonte da Educação, para atender aos ditames do capital. Vista como uma mercadoria, a Educação torna-se reflexo de uma sociedade capitalista, pautada nas desigualdades sociais, culturais e humanas, o que repercute na Educação pelo acúmulo de responsabilidades para o professorado.

Observamos, então, que não só a organização do trabalho humano, mas a própria organização do trabalho pedagógico acaba sendo condicionada pelo contexto socioeconômico e político. A formação de cidadãos na escola, dessa maneira, assume características semelhantes às do desenvolvimento de modelos de produção, permeados de ideologias nocivas.

Concluimos, diante de tais considerações, que a Educação não pode ser meramente uma transmissora de competências técnicas, formadora de recursos humanos, de capital humano, e perder a sua função social em relação ao mundo do trabalho. Isso porque consideramos imperativa a luta para a valorização da Educação como um todo, no âmbito de uma concepção histórico-crítica para a constituição de modelos alternativos, voltados ao desenvolvimento intelectual, cultural e científico, de caráter emancipatório para os sujeitos que fazem parte desse processo.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- BACCIN, Ecléa Vanessa Canei. **Educação Física escolar: implicações das políticas educacionais na organização do trabalho pedagógico**. 2010, 137f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFPel, Pelotas, 2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BRACHT, Valter. Saber e fazer pedagógicos: acerca da legitimidade da educação física como componente curricular. In CAPARRÓZ, F.E (org.). **Educação física escolar: política, investigação e intervenção**, vol. 1, Proteoria: Vitória, 2001.
- CODO, Wanderley (coordenador). 4ª. ed. Petrópolis: Vozes / Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2006. 432 p.
- DUARTE, Alexandre William Barbosa. **Por que ser professor? Uma análise da carreira docente na educação básica no Brasil**. 2012. 169f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- COSTA, Fábio Renato Barcellos. **Formação e desenvolvimento profissional em Educação Física dilemas e desafios na educação inclusiva**. 2009, 101f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFPel, Pelotas, 2009.
- KUENZER, Acácia Zeneida. A formação de professores para o Ensino Médio: velhos problemas, novos desafios. **Educação e Sociedade**, v. 32, n. 116, p. 667-688, 2011.
- LE MOS, Lovane Maria. **Formação e trabalho do(a) professor(a) de Educação Física na formação social capitalista**. 2011, 289 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFPel, Pelotas, 2011.
- LOYOLA, Rosângela Conceição de. **Experiências profissionais na escola e os sentidos da Educação Física**. 2008. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Vitória, 2008.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008. 285p.
- METZNER, Andréia Cristina. *et al.* **Contribuição da Educação Física para o Ensino Médio: estudo a partir da prática docente de professores de Institutos Federais**. Motrivivência, Florianópolis/SC, v. 29, n. 52, p. 106-123, setembro/2017.
- MÉZAROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 2ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.
- MOLINA NETO, Vicente, Fonseca DG, Silva LO, Lopes RA, Wittizorecki ES. A Educação Física no Ensino Médio ou para entender a Era do Gelo. **Motrivivência**. 2017; 29(52): 87-105.

MORICONI, Gabriela Miranda. **Os professores públicos são mal remunerados nas escolas brasileiras?** Uma análise da atratividade da carreira do magistério sob o aspecto da remuneração. 2008. 82 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública e Governo) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2008.

SAVIANI, Dermerval. Transformações do capitalismo, do mundo do trabalho e da educação. In: SANFELICE, José Luís; SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, J. C. (Org.). **Capitalismo, trabalho e educação**. Campinas: Autores Associados, Histedbr, 2005.

SOUZA, Maristela da Silva; RAMOS, Fabrício Krusche. Educação Física e o mundo do trabalho: um diálogo com a atual reforma do Ensino Médio. **Motrivivência**, v. 29, n. 52, p. 71-86, 2017.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Souza. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.